

NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE: POR UMA BÍBLIA AO ALCANCE DE TODOS

Francinaldo de Souza Lima¹

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o projeto tradutório da “Nova Tradução na Linguagem de Hoje” da Bíblia. A base teórico-metodológica dessa pesquisa foi: Giraldi (2013) e Raupp (2015), sobre a história da tradução bíblica, Schleiermacher ([1813], 2010), sobre os métodos de tradução, assim como Nida (1964) e Lutero ([1530] 2006), sobre reflexões teóricas da área. É uma pesquisa descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Como corpus, confrontamos o texto-fonte e o texto-alvo na passagem de “Romanos”, capítulo 5, observando a ação de tendências deformadoras, segundo Berman (2013). Apesar das críticas, concluímos que as escolhas tradutórias estão a serviço do e se justificam pelo projeto tradutório da obra e da posição e horizonte do tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução bíblica; Bíblia em linguagem contemporânea; Crítica de tradução.

ABSTRACT: This work aims at analyzing the translation project of the Bible entitled "Nova Tradução na Linguagem de Hoje" (New Translation in the Language of Today). The theoretical-methodological basis of this research is based on: Giraldi (2013) and Raupp (2015), on the history of biblical translation; Schleiermacher ([1813], 2010), on translation methods; as well as Nida (1964) and Luther [1530] 2006), on the theoretical reflections of the area. It is a descriptive, qualitative, bibliographical and documental research. As a corpus, we compare the source text and the target text from "Romans", chapter 5, observing evidences of deforming tendencies, according to Berman (2013). Despite the criticisms, we conclude that the translation choices are at the service of the translation project and are accounted to it and to the work and positionality of the translator.

KEYWORDS: Biblical translation; Bible in contemporary language; Translation review.

“Enquanto alguns procuram erros na Bíblia e engano nas traduções, um homem sincero, com uma Bíblia aberta, sem dúvida encontrará bem depressa o que há de errado consigo mesmo.” A. W. Tozer

1. Introdução

A discussão sobre a qual versa esse artigo se desenvolve em uma área dos Estudos da Tradução bastante expressiva tanto por seu caráter teórico quanto prático: a tradução bíblica. Ao olharmos para a própria História da Tradução, percebemos que ela foi construída, dentre outros elementos, pela tradução de textos religiosos. Assim, alguns métodos, modelos de crítica e pesquisas em tradução foram resultados desse trabalho iniciado há mais de dois mil

¹ Graduado em Letras (Língua Portuguesa / Língua Francesa) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

anos. No decurso desse longo legado de tradução da Bíblia, muito do que se disse sobre a tradução desse texto tornou-se a base para o estabelecimento de teorias e de um vasto campo de dados a serem pesquisados pelos Estudos da Tradução e áreas afins; principalmente quanto aos métodos empregados e às noções tradicionais de “fidelidade” ou “equivalência” do texto-alvo ao texto-fonte.

Uma vez que sua prática é intensa e diversificada, realizada sob múltiplos métodos e objetivos, e considerando os diversos desafios, tanto do processo quanto da recepção, essa produção, portanto, acaba repercutindo no estreitamento dos laços entre a tradução bíblica (prática) e os estudos em tradução (teoria). Pois,

de fato, a tradução bíblica tem gerado mais dados em diversas línguas do que qualquer outra prática de tradução: é uma atividade detentora de sólido legado histórico, que alcança muitas pessoas nas mais diversas culturas e envolve mais tradutores de origens diferentes do que qualquer outra prática na área. Também em termos genéricos, a tradução bíblica abrange todos os campos, pois, no texto, se encontram passagens de poesia e prosa, narrativa e diálogo, parábolas e leis (GENTZLER, 2009, p. 73).

Em meio a esse horizonte tão amplo, destacamos as chamadas bíblias em “linguagem contemporânea²”. Elas são o produto de um movimento internacional instaurado na década de 1960 que propunha a tradução da Bíblia em linguagem corrente em diversas línguas. O objetivo era escapar da revisão e atualização de traduções consagradas de séculos anteriores e propor traduções diretas em um nível de linguagem que permitisse a leitura pelo maior número possível de pessoas; com foco principal naquelas com menor nível de escolaridade. Nesse sentido, no Brasil, incentivada e apoiada pela Sociedade Bíblica Americana, foi publicada em 1988, pela Sociedade Bíblica do Brasil, a edição completa da *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH), cuja revisão deu origem, em 2000, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH). Essas traduções bíblicas em “linguagem contemporânea” ou comum, por sua proposta de fornecer um texto semelhante à forma de falar de seus leitores, recorrem muitas vezes às estratégias etnocêntricas e hipertextuais, ou seja, primam pelo sentido do texto-fonte e pela sistemática da língua de chegada (SCHLEIERMACHER, [1813] 2010, p. 79). Para tal, retira-se do texto qualquer marca do que é estrangeiro

² As referências bibliográficas que versam sobre o assunto (MILLER, HUBBER, 2006; TEIXEIRA, ZIMMER, 2008; GIRALDI, 2013; RAUPP, 2015; LIMA, PINHEIRO-MARIZ, 2016) tendem a utilizar a expressão ora em destaque para referirem-se às bíblias traduzidas segundo o método de equivalência dinâmica (ou funcional), usando linguagem corrente e de fácil compreensão. Uma vez que o termo “contemporânea” é relativamente questionável, optamos, por usar a expressão “bíblia vulgata”, conforme Konings (2009), usado em oposição à “bíblia erudita”, a qual se configura como uma tradução em padrão culto formal da língua.

(etnocentrismo), adequando-o ao sistema linguístico da língua (e cultura) de chegada (hipertextualidade), como se o próprio autor estrangeiro estivesse escrito na língua materna do leitor da tradução (BERMAN, 2013, p. 50), por meio de um vocabulário e estruturas linguísticas distanciados do padrão culto da língua e mais aproximados do registro coloquial.

Consequentemente, os projetos tradutórios dessas versões têm sido criticados, agradando a uns, por democratizar o acesso ao texto numa forma considerada mais fácil de compreender, e desagradando a outros, principalmente por aqueles cujos hábitos de leitura da Bíblia foram moldados com base em traduções formais e eruditas. Essas críticas evidenciam a natureza sensível do texto bíblico a mudanças de qualquer natureza (GOHN, 2001, p. 149), pois, podem suscitar em seus leitores as mais variadas reações emocionais; e, quando isso ocorre, por essa razão, a tradução acaba normalmente sendo alvo de críticas tanto favoráveis quanto contrárias. Todavia, levando em consideração o contexto em torno da obra traduzida, acreditamos que os problemas apontados nas críticas contrárias ao trabalho fazem parte de um conjunto de estratégias, escolhas e elementos tradutórios que compõem o projeto da tradução, não sendo suficientes por si mesmos para emitir um juízo de valor, no par bom-ruim, ao trabalho; tal é, portanto, nossa hipótese. Criticar, pois, uma tradução apenas pelo critério linguístico do texto-alvo é observar apenas uma de suas facetas. As tomadas de decisão do tradutor não são mero produto de uma atividade mecânica, mas, como diria Berman (1995, p. 79), resultado da influência do horizonte do tradutor, ou seja, de um “conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor”³ durante a realização de seu trabalho.

Assim, o objetivo da presente pesquisa é analisar de forma crítica o projeto tradutório da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, com respaldo em reflexões teórico-metodológicas pertinentes oriundas dos Estudos da Tradução. Especificamente, discutiremos o projeto de tradução dessa Bíblia e, em seguida, analisaremos algumas escolhas tradutórias na tradução do capítulo 5 do livro de *Romanos*, tomando por empréstimo duas das chamadas “tendências deformadoras” de Antoine Berman (2013) como categorias de análise textual: a racionalização e a clarificação.

Dessa maneira, essa pesquisa tem caráter descritivo, qualitativo, de cunho bibliográfico e documental (GIL, 2008, p. 50-51) e será apresentada em três partes, além desta

³ Minha tradução. Do original: « [...] l'ensemble des paramètres langagiers, littéraires, culturels et historiques qui « déterminent » le sentir, l'agir et le penser d'un traducteur ».

Introdução: i) inicialmente, apresentaremos um breve panorama histórico a fim de contextualizar a produção da *NTH*; ii) depois, traremos a discussão da análise dos dados; e iii) finalmente, na sessão de considerações finais, lançaremos algumas reflexões críticas sobre a tradução em análise.

2. O lugar da *NTH* no contexto histórico das traduções bíblicas

Traduzir a Bíblia é uma atividade anterior à nossa era. A tradução dos textos judaicos do hebraico para o grego, a *Septuaginta*, foi o primeiro empreendimento feito ainda no século III a.C. Outro relevante trabalho foi a tradução de São Jerônimo no século IV d.C dos textos bíblicos para o latim, a *Vulgata Latina*, a qual após ser rejeitada por um tempo veio a tornar-se a Bíblia oficial da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). Algum tempo depois, a partir do século XII, os movimentos reformistas dentro da ICAR contribuíram para a disseminação, primeiro oral, depois escrita, dos textos bíblicos em linguagem comum, vernacular, algo expressamente proibido pela Igreja Romana a fim de evitar a livre interpretação e, conseqüentemente, a disseminação do que ela consideraria heresia. Muitos (como Pierre Valdès e John Wycliffe) foram perseguidos e até mortos por defender tal causa e/ou por suas traduções. A partir da invenção da imprensa (séc. XV) e da Reforma Protestante (séc. XVI), as traduções bíblicas, especialmente aquelas em linguagem comum, se expandiram vertiginosamente. A grande obra representativa desse movimento é a tradução de Lutero (publicada entre 1522 e 1534) para o alemão falado pelo povo, formalizando, assim, a própria língua que estava em construção. Segundo o historiador bíblico Antônio Giralardi, “foi ele o precursor das traduções da Bíblia em linguagem popular ou ‘na linguagem de hoje’, feitas pelas Sociedades Bíblicas a partir da segunda metade do século XX” (GIRALDI, 2013, p. 30).

No que diz respeito ao contexto brasileiro, a importação de mercadorias, incluindo materiais religiosos, era controlada pelo governo e por autoridades religiosas católicas até o início do século XIX. A circulação de Bíblias só foi oficialmente liberada após a chegada da Família Real ao Brasil em 1808 e a abertura dos portos às nações ditas amigas, dentre as quais a Inglaterra. A partir de então, a Sociedade Bíblica Inglesa e a Americana, de orientação protestante, fomentaram a distribuição de bíblias em território brasileiro, causando reações adversas por parte dos líderes católicos tradicionalmente avessos à ideia da tradução e da

leitura leiga da Bíblia (GIRALDI, 2013, p. 44). Circulavam no Brasil de então duas traduções: a do padre Antônio de Figueiredo e a de João Ferreira de Almeida (GIRALDI, 2013, p. 63).

Em se tratando de século XX, aliás, cabe destacar dois fatos importantes para a gênese dos projetos modernos de tradução bíblica vulgata. O primeiro deles trata-se da descoberta, no início do referido século, de novos manuscritos bíblicos antigos em uma sinagoga no Cairo e dos chamados Manuscritos do Mar Morto, ou Manuscritos Q, de origem bizantina, mais antigos que os conhecidos até então, atestando que o grego usado pelos autores do Novo Testamento cristão era o Coíné, variedade comum, popular. O segundo evento foi a publicação em 1964 da obra *Towards a Science of Translation* do tradutólogo e tradutor bíblico americano Eugene Nida, na qual ele apresenta a teoria da equivalência dinâmica (tradução sentido por sentido).

A partir desses eventos, instaurou-se um movimento internacional de tradução de bíblias vulgatas em diversas línguas. O objetivo era escapar da revisão e atualização de traduções consagradas de séculos anteriores (como ainda acontece com a tradução de João Ferreira de Almeida) e propor traduções diretas em um nível de linguagem que permitisse a leitura pelo maior número possível de pessoas, considerando o nível de escolaridade. Nesse direcionamento, a tradução americana do Novo Testamento intitulada *Good News for The Modern Man* (1966) foi a pioneira. Sob influência desse trabalho, foi realizado em 1966 no Rio de Janeiro o Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente que contribuiu para que a Sociedade Bíblica do Brasil publicasse em 1988 a edição completa da *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH), cuja revisão deu origem em 2000 a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH).

A fim de alcançar o objetivo proposto, os princípios de tradução da *NTLH* foram, de modo geral, os seguintes: (i) tradução direta das línguas originais; (ii) observância ao registro linguístico falado do Brasil sem gírias nem regionalismos; (iii) preferência pela ordem direta das frases e orações; (iv) substituição de palavras teológicas por frases explicativas; e (v) mudança na forma de tratamento: “senhor” e “você” X “vós” e “tu” (GIRALDI, 2013, p. 178-179). Os tradutores envolvidos foram selecionados por testes de tradução, distribuídos em comissões sob a direção de um membro das Sociedades Bíblicas Unidas, constituídas por um tradutor de base e revisores. Foram eles: Dr. Robert Bratcher, Dr. Werner Kaschel, a Profa. Selma Girdali e o Pr. Josué Xavier, auxiliados pelo Dr. Rudi Zimmer e Dr. Vilson Scholz (GIRALDI, 2013, p. 217-218).

A *NTLH*, portanto, é a tradução bíblica pioneira no Brasil e em língua portuguesa a usar o método semântico de Eugene Nida como princípio de tradução. Semelhantemente, e sob influências de diferentes fatores, outros trabalhos foram desenvolvidos. Segundo informações do panorama histórico de Raupp (2015) e da descrição do projeto tradutório das bíblias vulgatas brasileiras feita por Lima (2019), à semelhança da *NTLH*, ao menos nove traduções completas (sem contar as revisões) e um Novo Testamento desse tipo foram produzidos: *Novo Testamento: versão fácil de ler* (de 1999), *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (de 2000), *Nova Versão Internacional* (também de 2000), *Nova Bíblia Pastoral* (de 2004), *Nova Tradução na Linguagem de Hoje – versão ecumênica* (de 2005), *Bíblia Sagrada de Aparecida* (de 2006), *Nova Bíblia Viva* (de 2010), *Bíblia Judaica Completa* (de 2010), *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea* (de 2011) e *Nova Versão Transformadora* (de 2016).

3. Análise da Nova Tradução na Linguagem de Hoje da Bíblia

Apesar de todo o esforço da equipe envolvida, a proposta da *NTLH* encontrou dificuldades em ser aceita por alguns de seus leitores-alvo, mesmo diante da proposta de democratização do acesso à Bíblia. Segundo Teixeira e Zimmer (2008), este parece ser um comportamento comum ante a publicação de uma nova tradução da Bíblia, pois “[...] congregações e pastores normalmente preferem uma versão mais conhecida a uma nova tradução, mesmo que esta seja mais precisa e fluida” (p. 48). O novo provoca receio e é difícil sobrepor-se à tradição das já citadas traduções do Pe. Antônio Figueiredo (entre 1778-1790) e a de João Ferreira de Almeida (entre 1681-1753) que, sendo as duas primeiras traduções bíblicas em língua portuguesa a circular no Brasil, são constantemente revisadas e publicadas até hoje mantendo certo grau de formalismo na linguagem já arraigado ao vocabulário cristão nacional. Além disso, novas traduções podem vir a confrontar tradições hermenêuticas estabelecidas ou até mesmo estabelecer novas tradições para o grupo que passa a se servir desses novos textos (LONG, 2005).

A seguir, passaremos à análise do projeto tradutório e da tradução. Primeiro, observaremos a linguagem da *NTLH* em comparação a outras traduções bíblicas. Depois, faremos a análise textual de um trecho da tradução. Começemos, pois, a partir do trecho abaixo, formado por uma sequência de vocábulos que nos ajudarão a perceber as diferenças quanto ao léxico entre duas versões *Almeida* e a *NTLH*:

Quadro 1: Comparação lexical entre traduções bíblicas

| Tradução bíblica | Texto: <i>Gálatas 5:19-21</i> |
|---|---|
| <i>Almeida Revista e Atualizada</i> – SBB, 1993 (2ª edição) | “Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas [...]” (BÍBLIA SAGRADA, 2009a, p. 1183-1184) |
| <i>Almeida Século XXI</i> – Edições Vida Nova, 2008 | “As obras da carne são evidentes, a saber: imoralidade, impureza e indecência; idolatria e feitiçaria; inimizades, rivalidades e ciúmes; ira, ambição egoísta, discórdias, partidarismo e inveja; bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a essas [...]” (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 1705). |
| <i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i> – SBB, 2000 | “As coisas que a natureza humana produz são bem conhecidas. Elas são: a imoralidade sexual, a impureza, as ações indecentes, a adoração de ídolos, as feitiçarias, as inimizades, as brigas, as ciúmeiras, os acessos de raiva, a ambição egoísta, a desunião, as divisões, as invejas, as bebedeiras, as farras e outras coisas parecidas com essas” (BÍBLIA SAGRADA, 2009b, p. 1189). |

Como dito acima, mesmo intitulando-se uma versão de nosso século, a *Almeida* das Edições Vida Nova conservou muito do léxico da tradução *Almeida* de 1993 da SBB. Tal fato, à luz desse breve exemplo, ressalta quão preocupada com a clareza é a *NTLH*. Enquanto nas outras traduções a lista é formada, quase em sua totalidade, apenas por substantivos, a *NTLH* optou por adjetivar alguns desses para que o sentido esteja mais evidente; sua preocupação não é, afinal, a tradição, mas a compreensão do seu leitor.

Obviamente que se trata aqui de um leitor ideal. Ainda que a equipe editorial e a de tradução tivessem exposto quais pesquisas científicas foram basilares para estabelecer o que é uma “linguagem de fácil compreensão” e como “a maioria da população brasileira fala”, informações que encontramos no prefácio da *NTLH* (BÍBLIA, 2009b, p. v), elas deveriam fazer escolhas e estabelecer um perfil de leitor como público-alvo. Num país de grandes proporções territoriais e de variedades linguístico-culturais como o Brasil, é praticamente impossível não estabelecer um padrão; senão mesmo necessário para o andamento racional do trabalho. De qualquer forma, portanto, tanto os mais escolarizados quanto os menos certamente entenderão mais claramente o que significa “ações indecentes” e “brigas” do que “lascívia” e “porfias”, respectivamente; estando estas últimas fora do vocabulário usual comum da língua falada atualmente.

Para Lutero, em sua *Carta aberta sobre a tradução* ([1537] 2006), “[...] há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão perceber que se está falando em alemão [ou, no caso, português] com eles” (p. 105). E foi exatamente isso o que os tradutores da primeira versão da *NTH*, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH – 1988), relatam ter feito, conforme Selma Giraldi, uma das tradutoras. Diz ela: “[...] Muitas vezes, saíamos perguntando se certa palavra era fácil de entender. Perguntávamos a pessoas na feira, à empregada na casa, aos parentes, amigos, pais, filhos...” (GIRALDI, 2013, p. 222).

No ano do Seminário de Tradução que instigou a tradução da *BLH*, de acordo com os dados do *Anuário Estatístico do Brasil* de 1967, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tinha quase 84 milhões de habitantes, dos quais pouco mais de 12,6 milhões foram matriculados em todo o sistema de ensino brasileiro em 1966, ou seja, cerca de 12% da população estava tendo algum tipo de instrução escolar ou acadêmica. Assim, como a acusação era de que a linguagem culta e formal das traduções já existentes não era de fácil compreensão para grande parte dos leitores, propôs-se com essa nova tradução um texto que fosse a “expressão da Palavra de Deus na linguagem simples do povo” (BÍBLIA, 2012, p. iv).

Esse contexto molda o que Berman (1995) chama de posição tradutiva do tradutor. No caso em questão, as situações históricas e sociais dos anos 1960 interferiram na concepção e na percepção dos tradutores envolvidos sobre o que seria feito. Havia naturalmente um desejo de fazer a mensagem bíblica compreensível, de transmiti-la, mas era preciso entender como e o que significava traduzir nessas circunstâncias, diante desse objetivo. Havia uma nação majoritariamente não escolarizada e traduções bíblicas em linguagem culto-formal que dificultava a recepção do texto até mesmo entre os que eram letrados. Segundo o testemunho do Pr. Josué Xavier, um dos membros da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, transcrito por Giraldi (2013a, p. 220), o entendimento era de que

[...] na BLH [Bíblia na Linguagem de Hoje] não houve um empobrecimento da riqueza da mensagem divina. Esse falso argumento pode ser usado por alguém. É falso porque a verdade é que a mensagem eterna de Deus tem de atingir todas as pessoas, especialmente as mais carentes quanto ao entendimento da linguagem. A mensagem divina é que não pode ser mudada; a linguagem empregada para expressá-la deve variar desde a mais culta até a mais popular.

Nesse entendimento, se o registro linguístico empregado era a razão para que leitores se afastassem da leitura da Bíblia, a nova tradução, vulgata, seria uma forma de atenuar esse problema e aproximá-los novamente já que a linguagem bíblica, segundo o autor, é flexível. Lima e Pinheiro-Mariz (2016), comparando a *NTLH* com a *Almeida Revista e Atualizada*, observaram que quanto à forma, para facilitar a linguagem, há uma preferência pela disposição do texto em prosa, preferindo-se optar por blocos de textos (parágrafos), devidamente pontuados e interligados por conectivos lógicos, à tradicional disposição por versículos separados entre si. Eles observaram ainda que linearizar o discurso e alterar a ordem dos versículos são algumas das estratégias percebidas, ainda que apaguem as marcas estilísticas próprias do autor do texto (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016). Quanto ao conteúdo, a inversão da ordem do discurso e o uso de paráfrases acabam promovendo uma linguagem fluente, mas podem causar perdas de material linguístico ou até mesmo suavizar a mensagem original (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016). Todavia, mesmo nessas condições, os autores concluem que:

Embora existam perdas de forma e, conseqüentemente, de conteúdo, por certo, não comprometem o alcance ao objetivo da nova versão, a qual se presta a promover a compreensão do texto bíblico em um primeiro contato de leitores menos ‘versados’ na leitura bíblica. (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016, p.45).

Portanto, o projeto tradutório e a estrutura da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se caracterizam como um projeto etnocêntrico, por apagar as marcas do Estrangeiro no texto, e conseqüentemente hipertextual, por primar pelas formas linguísticas e expressivas da língua de chegada. Tal projeto, ainda que não evidente, pode ser compreendido na totalidade da obra (BERMAN, 1995, p. 77). Ainda que o paratexto da versão não confesse nesses termos, o objetivo deste projeto parece ser de fornecer ao público leitor brasileiro o texto bíblico como se ele tivesse sido escrito não só em nossa língua, mas no registro popular dela, resultado alcançado na associação entre o método da equivalência dinâmica de Nida (1964) e o da domesticação [como diria Venutti (1995)] de Schleiermacher ([1813] 2010).

Para aprofundar a análise dessa tradução, vejamos as estratégias usadas pelos tradutores comparando o texto traduzido com o texto fonte. Limitaremos o olhar analítico apenas ao Novo Testamento, traduzido a partir do texto crítico e padrão de Neste-Aland publicado por Gomes e Olivetti (2015), especificamente sobre a passagem de *Romanos 5* (trecho que condensa a mensagem cristã de forma geral). Para facilitar a compreensão do

texto de partida, apresentaremos uma tradução literal do texto. Para evidenciar a diferença de proposta das bíblias vulgatas para as bíblias eruditas/formais, apresentamos a tradução dos versículos conforme a *Almeida Revista e Atualizada*. As categorias de análise são duas das chamadas “tendências deformadoras” de Antoine Berman (2013), já que, apesar do adjetivo, não são mais que forças inerentes a todo tradutor e a toda tradução, principalmente em traduções ditas domesticadas, cuja função é desprestigiar a letra (sistema de significantes) em favor do sentido (p. 67). É pertinente ressaltar que Berman não as concebeu como método de avaliação ou crítica de tradução. Todavia, como crítico desse tipo de projeto tradutório no qual a *NTLH* se enquadra, acreditamos que suas reflexões possam servir a contento para os fins pretendidos neste texto.

Vejamos como se dá a racionalização do texto, a primeira das duas categorias de análise textual que abarcaremos. Esta tendência deformadora diz respeito à linearização das estruturas sintáticas e à pontuação do texto, aspectos que fazem dela uma das mais produtivas em traduções (BERMAN, 2013). Conforme vimos na descrição do projeto de tradução da *NTLH*, um dos princípios do trabalho era primar por frases obedientes à ordem natural e fluente da língua, sem intercalações. Chama a atenção quanto a este aspecto o fato de a tradução do *corpus* em análise estar segmentada por trinta e um períodos sintáticos, contra vinte do texto-fonte. Raros são os casos de orações subordinadas. O versículo apresentado abaixo exemplifica a ocorrência dessa deformação:

Quadro 2: A pontuação no trecho de Romanos 5: 17

| | |
|-----------------------------|---|
| Texto-fonte em grego | (17) εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἑνὸς παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσε διὰ τοῦ ἑνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περι σείαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύσουσι διὰ τοῦ ἑνός Ἰησοῦ Χριστοῦ. |
| Tradução literal | (17) Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais pela abundância da graça/do favor e da dávida/do presente da justiça recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo. |
| NTLH | (17) É verdade que, por causa de um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior! E todos aqueles que Deus aceita e que recebem como presente a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo. |

| | |
|-------------------------------------|--|
| <i>Almeida Revista e Atualizada</i> | “Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (BÍBLIA SAGRADA, 2009a, p. 1140) |
|-------------------------------------|--|

Nesse caso, no texto da *NTLH* temos um versículo fragmentado em três períodos sintáticos, enquanto o texto-fonte, à semelhança do que ocorre em outros versículos, contém apenas um período formado por uma série de orações gramaticalmente complexas (estrutura seguida de forma semelhante pela *Almeida Revista e Atualizada*). Num plano geral do texto analisado, temos a impressão de que os tradutores da *NTLH* se aproveitaram da ocorrência significativa de orações coordenadas e correlatas para racionalizar o texto por meio de pontos-finais e de vírgulas formadoras de apostos. Esses recursos contribuem para que a mensagem seja apreendida com mais atenção pela memória de curto prazo do leitor, visto provocar um número maior de pausas durante a leitura. Essa estratégia, inclusive, faz parte do curso introdutório de tradução bíblica de Barnwell (2011), no qual é ensinada como meio de expressar o significado do texto-fonte na língua-alvo de forma tida por mais “exata”, “clara” e “natural”, como exige ser, segundo a autora, o “bom estilo”. Assim, é possível que essa seja, por parte dos tradutores, uma forma de ser fiel ao princípio tradutório de usar nessa versão uma forma de linguagem considerada agradável e simples.

A segunda categoria de análise textual é a ação da clarificação das ideias do texto (BERMAN, 2013, p. 70). Começamos pelo caso do particípio passado grego *Δικαιωθέντες*, literalmente “justificados”, traduzido por “aceitos por Deus” em duas ocasiões: nos versículos 1 e 9. Outra ocorrência cuja tradução foi semelhante à do particípio é a forma nominativa singular *δικαιοσύνης*, ou “justiça”, traduzida por “levar a aceitar as pessoas” no versículo 21. A *Almeida Revista e Atualizada*, segundo sua orientação de tradução formal, traduz os termos gregos acima de forma mais literal, preferindo “justificados” e “justiça”, os quais se configuram como termos teológico-doutrinários, cujos significados não são evidentes ao leitor.

Segundo o léxico semântico grego-português de Louw e Nida (2013), esses vocábulos fazem parte do domínio semântico de uma associação quanto a estabelecer ou confirmar um relacionamento (p. 403), bem como do domínio das qualidades morais e éticas e comportamento correspondente quanto a ser justo, direito (p. 662). Mas essa não é a única

conotação dada a esses vocábulos: eles também pertencem ao domínio semântico dos procedimentos jurídicos e tribunais quanto aos atos de julgar, condenar e absolver (LOW; NIDA, 2013, p. 496). Juntam-se ao grupo as formas acusativas singulares dos substantivos *δικαίωμα*, ou “em justiça” (versículo 16) e *δικαίωσιν*, ou “em justificação” (versículo 18), ambas traduzidas como os verbos “perdoar” e “libertar” respectivamente. Dessa forma, entre as duas escolhas tradutórias apresentadas como clarificação, a que é voltada para a “aceitação” parece coadunar de mais perto com a ideia do texto grego.

Entretanto, essa escolha tem implicações teológicas relevantes quanto ao ensino doutrinário cristão e deve ser observada com cuidado por tradutores e estudiosos bíblicos que utilizam a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Louw e Nida (2013) reconhecem que a ideia de “aceitação” é uma forma de expressar o significado desses vocábulos de forma idiomática em algumas línguas. Entretanto, em outros casos, pode gerar problemas interpretativos e, por isso, desaconselham o uso dela ou de qualquer outra forma com essa característica. Segundo eles,

[...] isso poderia dar entender que Deus relutava em aceitar as pessoas sem a obra expiatória de Jesus, quando, na verdade, era Deus quem estava em Cristo reconciliando o mundo consigo. Portanto, o tradutor deveria evitar formulações que poderiam sugerir diferentes tipos de motivação de Deus. (LOW; NIDA, 2013, p. 404).

No contexto, está claro que todos os homens são pecadores e inimigos de Deus, por causa do pecado, mas pela fé no sacrifício do Cristo eles são declarados justos diante da divindade, livres de condenação. Apesar da escolha por “aceitação”, considerando as demais formas do mesmo radical a ideia básica do texto-fonte está presente e garantida na tradução de forma clara. Não se estabelece, assim, nenhum tipo de desconforto com a tradução.

Um outro exemplo de clarificação é a preferência pela ideia de “amizade” na tradução de versículos de *Romanos* 5. No texto-fonte, no versículo 10, encontramos o verbo aoristo passivo *κατηλλάγημεν*, ou “fomos reconciliados”, e, no versículo 11, a forma acusativa singular do substantivo *καταλλαγὴν*, ou “reconciliação”. Ambos foram traduzidos pela *NTLH* como a ideia de “tornar-se amigo de Deus” (v. 10). Nesses casos, a *Almeida Revista e Atualizada*, à semelhança do caso anterior, manteve-se apegada à forma e optou pelos termos conforme a tradução literal apresentada. As escolhas tradutórias da *NTLH*, de acordo com Low e Nida (2013), são adequadas ao sentido do texto grego, o qual expressa a restauração de uma relação interpessoal rompida. Diante das noções de “perdão” e “liberdade” contidas na

tradução desses termos em outros versículos, de uma forma ou de outra, ambas as ideias expressas pelos dois termos teológicos estão não só presentes como também esclarecidos na tradução.

A partir desses exemplos, não ignoremos o fato de que:

[...] a Bíblia, usa a linguagem simples do senso comum, do dia-a-dia, que salienta a ocorrência de um acontecimento, não a linguagem de fundamento científico. [...] Os autores usaram formas comuns, gramaticais de expressar seu pensamento sobre os assuntos. (GEISLER; NIX, 2006, p. 23).

Consequentemente, se a intenção, embora utópica, é causar no leitor da tradução o mesmo impacto que o texto-fonte causou ao seu público primeiro, os tradutores buscaram, em alguma medida, estabelecer certa proporção linguística entre o Coine grego e o português. É possível que alguns termos comuns no grego da época soem cultos quando inseridos no contexto linguístico social do português contemporâneo; como, por exemplo, “ímpios” traduzido por “maus” pela *NTLH* no versículo 6.

4. Considerações finais

Conforme vimos, as traduções bíblicas vulgatas remontam a muitos séculos atrás, desde a *Vulgata*, passando pelas traduções vernaculares da Idade. O objetivo da apresentação do projeto tradutório da versão e da análise dos excertos da *NTLH* era poder compreender essa tradução em seu aspecto interno e externo. Notamos que, em obediência ao princípio da equivalência dinâmica de Eugene Nida, a referida tradução é semanticamente próxima ao texto-fonte. Reiteramos que a simplificação lexical e sintática, principais estratégias tradutórias encontradas, estão a serviço da compreensão de um determinado público leitor linguisticamente demarcado pelo projeto tradutório da obra. Embora não desconsideremos que o corpus analisado seja limitado para tecermos generalizações a, pelo menos, todo o Novo Testamento da *NTLH*, concluímos que as ocorrências não mostraram ser suficientemente nocivas à transmissão da mensagem do texto-fonte para julgarmos a referida tradução como (gravemente) defeituosa (BERMAN, 1995, p. 37). Pelo contrário: o projeto tradutório justifica as estratégias aplicadas e infunde respeito e consideração pelo trabalho de mais de trinta anos dos tradutores envolvidos, desde a primeira edição. A tradução, assim, cumpre com o papel a que se propõe (MILLER; HUBBER, 2006).

Diante das discussões históricas e teóricas, e com base nas análises textuais, finalizamos o presente artigo defendendo que a *NTLH* é fiel ao seu projeto de tradução e deve

ser entendida e/ou criticada a partir dele. Ainda que, porventura, não atenda aos desejos de exegetas, teólogos e hermeneutas bíblicos, seu valor e funcionalidade não podem ser desprezados. Não se propõe que ela substitua todas as traduções bíblicas já feitas até hoje. Ela não pretende ser a tradução bíblica perfeita da língua portuguesa; em termos conceituais, nem poderia. Ela almeja simplesmente democratizar o acesso à mensagem bíblica.

Mesmo diante das limitações desse artigo, esperamos ter lançado alguma luz sobre o fenômeno da tradução bíblica. Primeiramente, dando alguma visibilidade à ação de uma orientação teórico-metodológica que tem alcançado não só um texto considerado sensível, mas em especial a Bíblia, o livro mais traduzido do mundo e cujo trabalho de tradução foi, ao longo dos séculos, o responsável por muitas das reflexões teóricas desse campo de estudo. Em segundo lugar, analisando uma tradução para além do senso comum, com respaldo teórico, permitindo olhar para o objeto e compreendê-lo em sua própria concepção, em seus próprios limites. E, finalmente, contribuindo para a valorização do trabalho do sujeito tradutor, considerando o sujeito, o espaço, as expectativas e forças que atuam sobre ele como determinantes para a concretização da tradução.

5. Referências bibliográficas

BARNWELL, K. *Tradução bíblica: um curso introdutório aos princípios básicos da tradução*. Tradução de Mary Daniel. 3ª ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2ª ed. Florianópolis: Tubarão: Copiart; PGET/UFSC, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. – Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009a.

_____. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009b.

_____. *Bíblia Almeida Século XXI*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GEISLER, N.; NIX, W. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª ed. São Paulo: Editora Madras, 2009.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIRALDI, L. A. *História da Bíblia no Brasil*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GOHN, C. A. Pesquisa em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. IN.: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 147-170.

GOMES, P. S.; OLIVETTI, O. *Novo Testamento interlinear analítico grego-português*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do século XX: populacionais, sociais, políticas e culturais*. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais>>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

KONINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. IN.: GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei. *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 103-126.

LIMA, F. S.; PINHEIRO-MARIZ, J. *Ponderações sobre a tradução bíblica para linguagem contemporânea*. Revista UNIABEU, v. 9, n. 21, 2016, p. 32-46.

LIMA, Francinaldo de Souza. *Bíblia, vulgo “Palavra de Deus”*: o projeto tradutório de bíblias vulgatas brasileiras. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

LONG, L. Translation and religion: holy untranslatable? In: Basnett, Susan & Genzler, Edwin (Eds). *Topics in Translation* 28. Clevedon/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2005, p. 1-15.

LOUW, J.; NIDA, E. (editores). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTERO, M. Carta aberta sobre a tradução. Tradução de Mauri Furlan. IN.: IN.: FURLAN, Mauri. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*: antologia bilíngue. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006, p. 91-115.

MILLER, S. M; HUBBER, R. V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

NIDA, E. *Toward A Science of Translating*. Leiden: Brill, 1964.

RAUPP, M. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. IN.: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*: antologia bilíngue alemão-português. Vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010, p. 37-101.

TEIXEIRA, P.; ZIMMER, R. Traduções da Bíblia: história, princípios e influência. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 41-70.

VENUTTI, L. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London; New York: Routledge 1995 (Translation Studies 5).